

SaúdeLoucura 53

DIREÇÃO DE

Rosana T. Onocko-Campos

Ana Pitta

SAÚDELOUCURA

TÍTULOS EM CATÁLOGO

- SaúdeLoucura 1*, Antonio Lancetti et al.
Desinstitucionalização, Franco Rotelli et al.
SaúdeLoucura 2, Félix Guattari, Gilles Deleuze et al.
Saúde mental e cidadania, Regina Giffoni Marsiglia et al.
Hospital: dor e morte como ofício, Ana Pitta
Cinco lições sobre a transferência, Gregório Barenblitt
A multiplicação dramática, Hernán Kesselman & Eduardo Pavlovsky
Lacantroças, Gregório Barenblitt
SaúdeLoucura 3, Herbert Daniel, Jurandir Freire Costa et al.
Psicologia e saúde: repensando práticas, Florianita Coelho Braga Campos (org.)
Saúde mental e cidadania no contexto dos sistemas locais de saúde, Maria E. X. Kalil (org.)
Mario Tommasini: *vida e feitos de um democrata radical*, Franca Ongaro Basaglia
SaúdeLoucura 4, Antonio Lancetti, Gregório Barenblitt et al.
Saúde mental no hospital geral: espaço para o psíquico, Neury J. Botega & Paulo Dalgallarrondo
Manual de saúde mental, Benedito Saraceno, Fabrizio Asioli & Gianni Tognoni
Reabilitação psicossocial no Brasil, Ana Pitta (org.)
Assistência social & cidadania, Antonio Lancetti et al.
SaúdeLoucura 5, Gregório Barenblitt et al.
SaúdeLoucura 6, André do Eirado Silva et al. (orgs.)
Princípios para uma clínica antimanicomial e Outros Escritos, Ana Marta Lobosque
SaúdeLoucura 7 (Saúde mental e saúde da família), Adib Jatene, Antonio Lancetti et al.
A reforma psiquiátrica no cotidiano, Angelina Harari & Willians Valentini (orgs.)
Cadernos de subjetividade (o reenactamento do concreto), Peter Pál Pelbart & Rogério da Costa (orgs.)
A psicoterapia institucional e o clube dos saberes, Arthur Hyppólito de Moura
René Lourau, análise institucional em tempo integral, Sônia Altoé (org.)
SaúdeLoucura 8 (Análise institucional), Heliana de Barros Conde Rodrigues & Sônia Altoé (orgs.)
Reinventando a vida: narrativas de recuperação e convivência com o transtorno mental, Eduardo Mourão Vasconcelos et al. (orgs.)
Textos, texturas e tessituras no acompanhamento terapêutico, Ricardo Gomides Santos (org.)
Uma clínica no coletivo, Vera Lúcia Mendes
Reforma psiquiátrica no cotidiano II, Emerson Elias Merhy & Heloísa Amaral
Abordagens psicossociais (vol. I: história, teoria e trabalho no campo), Eduardo Mourão Vasconcelos
Abordagens psicossociais (vol. II: reforma psiquiátrica e saúde mental na ótica da cultura e das lutas populares), Eduardo Mourão Vasconcelos (org.)
Abordagens psicossociais (vol. III: perspectivas para o serviço social), Eduardo Mourão Vasconcelos (org.)
Pesquisa avaliativa em saúde mental: desenho participativo e efeitos da narritividade, Rosana Onocko-Campos, Juaréz Pereira Furtado, Eduardo Passos & Regina Benevides
O coletivo, Jean Oury
SaúdeLoucura 9 (experiências da reforma psiquiátrica), Florianita Braga Campos & Antonio Lancetti
Karl Marx e a subjetividade humana (vol. I: a trajetória das ideias e conceitos nos textos teóricos), Eduardo Mourão Vasconcelos
Karl Marx e a subjetividade humana (vol. II: uma história das ideias psicológicas na Europa até 1850), Eduardo Mourão Vasconcelos
Karl Marx e a subjetividade humana (vol. III: balanço de contribuições e questões teóricas para debate), Eduardo Mourão Vasconcelos
Supervisão clínico-institucional e a organização da atenção psicossocial no Ceará, José Jackson Coelho Sampaio, José Maria Ximenes Guimarães & Luciana Mesquita de Abreu
Domínios do demasiado, Fabiane Moraes Borges
Psicanálise e Saúde Coletiva: Interfaces, Rosana Onocko Campos
Autopoiiese e Reforma Psiquiátrica, Roberto Tykanori Kinoshita
Estratégias de Inclusão da Saúde Mental na Atenção Básica: um Movimento das Marés, Ândrea Cardoso de Souza
Entre Pedras e Fissuras: a construção da atenção psicossocial de usuário de drogas no Brasil, Ândrea Cardoso de Souza, Lorena Figueiredo Souza, Elisângela Onofre de Souza & Ana Lúcia Abrahão
Direitos Humanos e Saúde Mental, Walter Ferreira de Oliveira, Ana Maria Fernandes Pitta & Paulo Amarante (orgs.)
Saúde Mental, políticas sociais e democracia, Gustavo Zambenedetti & Kátia Alessandra dos Santos (orgs.)

SÉRIE POLÍTICAS DO DESEJO

- Clínica peripatética*, Antonio Lancetti
Saúde, desejo e pensamento, Luiz Fuganti
Devires da clínica, Osvaldo Saidón
Adivinhas do tempo: êxtase e revolução, Olgária Matos
Contrafissura e plasticidade psíquica, Antonio Lancetti

Escrevendo o impossível

Cadernos de um psicanalista
na saúde mental

sobretudo as
conexões
elas são absurdas ou nu
veis → Isso é essencialmente

Quero salientar aqui a
causa: na liberdade
do x é só mostrar que
é tudo tão absurdo que
pode ser engraçado.

Escrevendo o impossível

Cadernos de um psicanalista
na saúde mental

Ricardo Azevedo Pacheco

© Direitos autorais, 2022,
de Ricardo Pacheco
© Direitos de publicação reservados por
Hucitec Editora Ltda.
Rua Dona Inácia Uchoa, 209 – 04110-020 São Paulo, SP.
Telefones (55 11 3892-7772 3892-7776)
www.huciteceditora.com.br

Depósito Legal efetuado.

Direção editorial: MARIANA NADA
Produção editorial: KÁTIA REIS
Assistência editorial: MARIANA BIZZARRO TERRA
Circulação: ELVIO TEZZA

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P121e

Pacheco, Ricardo Azevedo
Escrevendo o impossível : cadernos de um psicanalista na
saúde mental / Ricardo Azevedo Pacheco. - 1. ed. - São Paulo :
Hucitec, 2022.

297 p. ; 21 cm. (Saúdeloucura ; 53)

Inclui índice
ISBN 978-85-8404-303-3

1. Saúde mental - Aspectos psicológicos. 2. Psicanálise. I.
Título. II. Série.

22-79545

CDD: 616.8917

CDU: 159.964.2

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Para Daniela



Sumário

Apresentação

CONTANDO IMPOSSÍVEIS, *Nina Virginia de Araújo Leite*, 11

Prolegômenos, 15

PARTE I

Capítulo 1. Bleeding soles, 29

Capítulo 2. Linguagem e Espírito, 47

O narrador estrangeiro e moribundo, 57

A guerra e a morte da narrativa tradicional, 68

Baudelaire, o traumatófilo, 83

Dançar para não dançar, 98

PARTE II

Capítulo 3. Jogar o jogo de Foucault, 116

Kafka com Foucault, 137

Terra à vista, 147

No horizonte, linhas de leitura dos dispositivos, 154

Caindo na rede, 167

Na colônia penal, 174

O enigma do sexo, 190

Ratos no banquete, 199

Literatura menor e resistência, 216

Latência da sexualidade e resistência, 225

PARTE III

Capítulo 4. Três atos para o intelectual específico, 246

Primeiro ato: estrangeiro, uma posição enunciativa, 249

Segundo ato: po-ética agenciamento estratégico e coletivo,
258

Terceiro ato: reduzir ao menor da literatura menor, 268

Posfácio, 284

Referências, 281

Apresentação

Contando impossíveis

Nina Virginia de Araújo Leite

Apresentar um livro é tomar a palavra para falar a partir dos efeitos da sua leitura e nisto incluir-se na conta que ele propõe, escrevendo o que se transmite e nisto transmitindo, se o ato for feliz, o que se aprendeu. Entretanto, a lição de que se trata neste livro recusa a máxima: “quem conta um conto aumenta um ponto” e me faz pensar: aqui, quem lê e escreve um conto, subtrai um ponto. A direção dos aforismos já está posta desde o início: encontrar a fórmula mínima.

Seria essa a operação encenada e teorizada por um psicanalista que nas funções de supervisor e formador decide – pois se trata de uma escolha, até mesmo possivelmente forçada, mas de uma escolha – transmitir a sua experiência de um longo percurso em diversos lugares da rede pública de saúde mental? Transmitir o impossível de transmitir, como diria Porge, ao especificar o movimento em jogo

na transmissão da psicanálise; escolher transmitir porque causado pelo impossível de transmitir: não poder não o fazer – esta, a primeira lição ética a ser aqui recolhida. Mas o autor nos insere em algo diferente de uma ética: ele nos fala de uma po-ética e nisto recorro o traço que marca o jogo de leitura e desleitura, escrita e reescrita que o autor incessantemente realiza: nem poética nem ética só: uma po-ética, arriscaria dizer, uma ética com poesia, usando aqui a preposição “com” no sentido em que funciona como instrumento, quer dizer: é com a poesia que se faz ética? Nem poética nem ética só: de fato, a po-ética aqui delineada implica o coletivo. A po-ética de que se trata só poderá se inscrever no campo da ética da palavra que, sendo qualquer, não deixa de ser plural.

O que essa escrita — po-ética — diz da posição do autor que se apresenta como fazendo o luto da experiência a partir da qual nos conta, uma vez que decidiu sair dos lugares que até então ocupava? O leitor descobrirá que esta saída é também determinada pela po-ética que o texto transpira: não permanecer configurou um ato de resistência e como tal lançou o autor a outra tarefa: escrever a partir desta ruptura, deste luto. Ou escrever para fazer o luto. Ter finalizado um processo de escrita de inúmeros encontros de supervisão e formação nos dispositivos institucionais de saúde mental em diferentes lugares e posições o coloca frente à tarefa que se mostra como impossível: como transmitir esta experiência? O autor escreve em queda ao narrar a sua experiência como supervisor e formador e por isto convoca tantos outros em sua tentativa de capturar – escrever — um pedaço de real.

O título do livro remete ao percurso de um psicanalista que escreve o impossível que habita os dispositivos de saúde mental, assim como o impossível em jogo na transmissão de uma experiência paradoxal. Uma observação recorrente ao longo dos capítulos é a de que supervisor e formador funcionam em um lugar que pode ser aproximado em termos de função exercida no lugar paradoxal daquele que, estando dentro, está à margem. Se psicanalista está no título, anunciando o que virá, quem fala é o supervisor e o formador – isto não indica por si só que é do lugar de ruptura com funções – entre – que um ato de leitura e escrita é aqui anunciado?

É de impossível mesmo que vai se tratar nesta escrita, agora em outro tempo. Retomar as propostas, os desencontros, as decepções, as rupturas, mas também o momento vivo em que algo se inscreve de outro jeito, por outra perspectiva, desmascarando os engodos denunciados, sofridos mas não contados: tarefa para um intelectual específico (inspirado na concepção foucaultiana) que, estando dentro-fora, na margem, mas sendo um qualquer, traz o estrangeiro que pode fazer comunidade. Estranha posição lá onde o autor se insere nos dispositivos já dados e por ele inventados (como o “Aprendendo com o caso”) como também estranha é sua posição no texto ora apresentado, em que visa não apenas dizer o que foi, mas trazer no presente de sua transmissão a escrita dos efeitos do que terá sido. Discernir o impossível, o paradoxal que habita o coração da linguagem comum e cotidiana funciona como o passo preliminar para, então, tornar operatória a impossibilidade, escrevendo-a. Ou seja, ultrapassar aquilo que cotidianamente se encontra nas falas das equipes e usuários como denunciamento do que não anda bem. Escutar o que não anda bem, questioná-lo, deslocá-lo até o limite em que se revela a impossibilidade que, oculta, ali habita. A estranheza da posição não deixa de remeter a uma topologia em que o mais íntimo pode ser encontrado fora; estranheza da posição sublinha o seu impossível paradoxal: dentro-fora; estrangeiro-íntimo. Isto porque o exercício da função de intelectual específico reside ao mesmo tempo em ser estrangeiro e comum no coletivo.

Na multiplicidade de vozes que falam e ganham lugar no texto, destacam-se não apenas os usuários, trabalhadores da rede pública, formadores, gestores, supervisores, mas principalmente a voz crítica de escritores, poetas e filósofos. O percurso e experiências de um psicanalista serão narrados e formalizados com a ajuda de muitas contribuições: da filosofia, da arte e especialmente da literatura: Walter Benjamin, Baudelaire, Foucault, Kafka, Blanchot, Agamben, Milner... e outros mais. Um gesto de desleitura retira de cada um desses autores o apoio necessário para avançar no percurso da escrita, no caminho de escrever o que já foi perdido, o que insiste, mas ainda não foi lido. Para declinar alguns destes gestos começo com o convite feito ao leitor na abertura do livro: compartilhar com

o autor a sua experiência como espectador do espetáculo de dança solo *Desh* do bailarino e coreógrafo Akram Khan. Somos mergulhados no mundo da dança e da música como forma magistral de trazer à cena a noção benjaminiana de experiência-narrativa. A abertura do livro com a presença de Akram Khan dá o tom que acompanhará toda a trajetória e marcará os compassos e passos literários do texto. Tudo isto em nome de abordar a difícil questão de transmitir o impossível de transmitir. Chegado ao final, que se apresenta menos como conclusão do que como abertura, o leitor saberá (e enfatizo que este não será um saber qualquer, uma vez que recusa formulações doutrinárias) que participou de uma experiência singular, pois o que resta é menos uma demonstração do que a mostração da impossibilidade e, com isto, se dá a transmissão da própria impossibilidade que insiste e causa o entusiasmo que seu projeto reverbera em cada um. O saber de que se trata não incide sobre um objeto, mas decorre dos efeitos que a passagem pelo texto de Ricardo imprime no leitor. De que saber se trata, então, já que o caráter crítico dos enunciados não se deixa, em momento algum, apagar ou contradizer por um tom dogmático da enunciação? Passar pelo texto é preciso. É preciso que o escrito passe.